



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Maestel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60. (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Pentinsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO— Telefone 78

Doutrina e prática

da Social democracia

Em setembro de 1912, dias antes de estalar a guerra dos Balcans, o Congresso social-democrático alemão reunido em Chemnitz votava sobre o imperialismo a seguinte moção aprovada por unanimidade menos 3 votos e 2 abstenções:

«A produção poderosamente desenvolvida, a custo dum estreitamento das condições de vida do proletariado explorado, leva á extensão dos mercados; a acumulação gigantesca dos capitais reclama novos territórios e novas possibilidades de valorização.

«Com a circulação crescente das mercadorias e capitais, com o aumento da produção e meios de transporte, o comércio mundial desenvolve-se cada vez mais e alarga-se a economia universal. As organizações patronais, cartels e trusts, poderosamente favorecidas pelo sistema de protecção aduaneira, dominam cada vez mais a vida económica, e servem-se da sua influencia sobre os governos dos seus respectivos países para que elles ponham os meios de acção do Estado a serviço dos seus esforços de expansão, com o fim de fazer entrar largas porções do domínio económico mundial na sua esfera de influencia e autoridade e de excluir daí os concorrentes estrangeiros.

«Para alcançar essa meta, é abençoada a violência, se o triunfo está garantido. Consequência dessas tentativas imperialistas de expansão é uma politica de rapina e conquista sem escrúpulos, cujo carácter antipopular já foi assinalado e condenado em 1900 pelo congresso de Mogúncia. Para executar vitoriosamente expedições de saqueio e pôr em segurança a presa conquistada, são aumentados e aperfeiçoados de maneira inaudita os instrumentos de morte e de carnificina.

«Como a classe capitalista experimenta em todos os Estados a mesma necessidade de expansão e em todos procede do mesmo modo para satisfação de tal necessidade, dão-se entre esses Estados complicações perigosas e oposições violentas que proporcionam pretexto para novos armamentos, levados até á loucura. O perigo, que daí advém, dum guerra devastadora desencadeada sobre o mundo inteiro, é ainda aumentado pelas provocações descaradas dos grandes capitalistas e fidalgos rurais, particularmente interessados no fabrico do material de guerra, assim como no aumento do número dos funcionários e dos empregos dirigentes no exército e na marinha.

«O imperialismo acrescenta o poder da reacção, ameaça o direito de associação e obsta ao desenvolvimento da politica social. As despesas para armamento impõem ás massas populares encargos insupportáveis, enquanto o encarecimento de todos os meios de existência lhes arruína a saúde física. Os partidos burgueses caíram completamente sob o domínio do imperialismo e concedem sem resistência todas as despesas reclamadas pelo exército e pela marinha. A Social-Democracia luta com toda a sua energia contra as tendências imperialistas e patrioteiras, onde quer que se manifestem, e praticará da maneira mais resoluta a solidariedade internacional do proletariado, o qual não mantém em parte alguma sentimentos hostis para com um povo estrangeiro.

«Embora o imperialismo, produto do regime capitalista, só com

esse regime possa inteiramente desaparecer, nada se deve desdenhar para desde já atenuar as suas consequências nocivas. O Congresso proclama, pois, a sua firme vontade de envidar todos os seus esforços para realizar um accordo entre as nações e para manter a paz. O Congresso pede que por meio de entendimentos internacionais se ponha cõbo aos armamentos sempre crescentes que ameaçam a paz e que empurram a humanidade para uma espantosa catástrofe. O Congresso reclama, em lugar duma politica de pilhagem e de conquista, a liberdade de comércio mundial e a abolição do sistema de protecção aduaneira, que só serve para enriquecer os barões do capital e os grandes proprietários territoriais. O Congresso espera que os membros do partido empregarão a sua influencia na organização politica, corporativa e cooperativa do proletariado consciente para combater com redobrado ardor o imperialismo e suas violências, até á sua derrota completa. Porque, uma vez chegado o Capitalismo ao grau supremo do seu desenvolvimento, a tarefa do proletariado consistirá precisamente em consumir-lhe a evolução, fazendo-o desembocar na sociedade socialista, em garantir assim duradouramente a paz, a independência e a liberdade dos povos.»

Viu-se como a social-democracia cumpriu a sua promessa tam bem fundamentada: caindo completamente como os partidos burgueses que ela denunciava na moção, sob o domínio do imperialismo, ao qual concedeu com entusiasmo os créditos de guerra e serviu de cego instrumento, não só para despertar o ardor bélico das massas e enobrecer a guerra, mas até para procurar arrastar consigo e a seu favor o proletariado socialista dos países neutros.

Que saibamos, dos políticos social-democráticos salvou-se apenas, com sufficiente ruído, Carlos Liebknecht, que adoptou uma attitude digna e corajosa. Mas, por isso mesmo, se não mentem as gazetas, foi expulso do partido, que não admite coerências, nem rebeliões contra... o imperialismo!

Krapótkine e a guerra

São conhecidas as ideas manifestadas por Krapótkine sobre a actual conflagração em vários artigos e cartas dadas á publicidade. Um desses artigos foi por nós commentado num dos últimos números.

Não somente Krapótkine não foi seguido pelos anarquistas, mas estes, na sua quase totalidade, tem manifestado a sua surpresa e discordância, e embora com a amizade a que o passado e a incontestável sinceridade de Krapótkine tem direito. Palavras duras para com o autor da *Conquista do pão*, só as vimos no jornal anarquista de Londres, *The Spur*; e quando Malato, cuja lingua se tem destravado bastante nesta desgraçada contenda, escreve que Krapótkine foi insultado por *Volontá*, jornal sereno e elevado na linguagem, nós podemos garantir que isso é falso.

Os anarquistas mostraram mais uma vez que não são seguidores de homens. Como nos dizia recentemente um velho camarada, Krapótkine será o primeiro a ficar intimamente satisfeito com esse facto—e nisto, nós, que o julgamos neste momento em contradicção com as ideas que elle tanto propagou, fazemos o seu melhor elogio.

Dito isto, vamos começar a pu-

blicar algumas das respostas aos artigos e cartas de Krapótkine, inserindo em seguida a carta que ao editor de *Freedom*, de Londres (numero de dezembro), dirigiu o não menos estimado camarada Malatesta, a respeito do artigo: **Foto antimilitarismo convencionalmente compreendido?**

Caro camarada:

Permite-me dizer algumas palavras acôrca do artigo de Krapótkine sobre o antimilitarismo, publicado em vosso ultimo numero. Em minha opinião, o antimilitarismo é a doutrina que afirma ser o serviço militar uma tarefa abominável e assassina e que um homem nunca deve consentir em tomar armas ás ordens dos amos e em com a bater não ser pela revolução social.

E' isto compreender mal o antimilitarismo?

Krapótkine parece ter-se esquecido do antagonismo das classes, da necessidade da emancipação económica e de todos os ensinamentos anarquistas; e diz que um antimilitarismo deve estar sempre pronto a, no caso de estalar uma guerra, pegar em armas em defesa do «país que for invadido»; o que, em vista da impossibilidade, ao menos para o trabalhador ordinário, de verificar a tempo quem é o verdadeiro agressor, significa na pratica que o «antimilitarista» de Krapótkine deve obedecer sempre ás ordens do seu governo. Depois disto, que resta do antimilitarismo e mesmo do anarquismo?

Naturalmente, Krapótkine renuncia ao antimilitarismo por achar que as questões nacionais devem ser resolvidas antes da questão social. Para nós, os ódios e rivalidades nacionais são dos melhores meios que os amos tem para perpetuar a escravidão dos trabalhadores e nós devemos combatê-los com todas as nossas forças. E quanto ao direito de as pequenas nacionalidades conservarem, se quiserem a sua lingua e costumes, isso é simplesmente uma questão de liberdade e só terá verdadeira e definitiva solução quando destruidos os Estados, não só cada grupo humano, mas cada individuo tiver o direito de se associar com outros ou de se separar deles.

E'me bem penoso combater um velho e estimado amigo como Krapótkine, que tanto fez pela causa do anarquismo. Mas precisamente porque Krapótkine é tam apreciado e estimado por todos nós, é preciso tornar público que não o seguimos em suas opiniões sobre a guerra.

Sei que esta attitude de Krapótkine não é de todo nova e que há mais de dez anos que elle vem pré-gando contra o «perigo alemão»; e confesso que fizemos mal em não dar importancia ao seu patriotismo franco-russo e em não prever aonde o levariam os seus preconceitos antigermânicos. Foi porque pensavamos que elle pretendia convidar os trabalhadores franceses a responderem a uma possível invasão germanica fazendo uma revolução social—isto é, tomando posse do solo francês e tentando induzir os trabalhadores alemães a fraternizarem com elles na luta contra os oppressores francezes e teutónicos. Nunca teríamos imaginado, por certo, que Krapótkine fosse capaz de convidar os trabalhadores a fazerem causa commum com os governos e patrões.

Espero que elle veja o seu erro e se ponha de novo ao lado dos trabalhadores contra todos os governos e todos os burgueses: alemães, ingleses, francezes, russos, belgas, etc.

Fraternalmente teu,

E. MALATESTA

O desarmamento geral

Toma incremento, na Inglaterra, o movimento em favor do desarmamento geral, a impor-se como cláusula na conclusão da paz. A elle se associam francamente ministros e officiaes do exército, incluindo alguns do quartel general de French.

Devemos confiar na sinceridade e na praticabilidade desse esforço?

O argumento mais sólido e positivo dos que nutrem esperança na vitória desse movimento de opinião sancionado por um governo funda-se no supremo interesse da insular Gran-Bretanha em destruir ou anular o militarismo no continente europeu.

Graças ás suas especiais condições geográficas e históricas, a Inglaterra nunca necessitou nem conseguiu instalar em casa um poderoso exército permanente; nem parece que possa agora mudar de caminho, apesar da outra corrente de opinião que, aproveitando as circunstâncias actuais, procura convencer o país das vantagens e necessidade do serviço militar obrigatório.

Demais, se possuísse esse grande exército, não o poderia manejar facilmente como arma ofensiva contra u a potencia continental. Sempre que o Estado britânico precisou de aniquilar a ameaça dum imperialismo continental, o poder dum concorrente perigoso, teve que se socorrer dum aliado, servindo-se dos seus soldados ou dos seus portos de desembarque.

Compreende-se, pois, o empenho posto pela Inglaterra em reclamar o desarmamento geral: é um tanto a história daquela raposa que, desprovida de cauda, prendia induzir as suas congéneres a cortarem o respectivo apêndice.

A empresa, porém, não parece das mais fáceis, ainda mesmo que á Inglaterra se juntassem os seus dois aliados. Muito provavelmente, fracassaria a imposição, como fracassou a que Napoleão fez á Prússia.

Sinceramente ou com velhacaria, o que os estadistas e militares ingleses procuram é doirar o horror naturalmente inspirado pelas carnificinas internacionais e entusiasmar pela luta um povo que não conhece a servidão militar forçada. Se a horrivel conflagração puder ser apresentada como a derradeira, se lhe for dado como alvo sublime o desarmamento geral, se desaparecer sob tam luminosas aparências a mesquinha e feroz luta de interesses capitalistas e estatais, os combatentes surgirão numerosos e ardentes e o povo suportará com santa resignação a dolorosissima prova.

Podará, pois, o proletariado esperar o desarmamento?

Em regime capitalista e estatal, esse desarmamento, se não é um vão devaneio pronto e acabado, toca as raízes da utopia. Demasiados são os interesses que, na actual sociedade, se prendem ferreamente á guerra e á paz armada: a finança, a grossa industria metalúrgica, o comércio grande e pequeno dos fornecedores de tropas e marinhas, o militarismo profissional, etc., tudo isso pesará formidavelmente na balança. E como, em sistema capitalista—de patronato e salariato, ninguém trata de produzir utilidades, mas apenas de ganhar seja como for alguns vinténs para subsistir, o próprio proletariado se acha interessado nas indústrias de paz armada. Se elle não temesse a desocupação, temê-la-iam os governos, pelas perturbações e revoltas que causaria. Nem sob o ponto de vista social re-

volucionário, o lucro seria total, pois que os Estados, em vez dos grandes exércitos de soldados á força, reforçariam, para o serviço de coacção interna, as suas guardas e gendarmarias de homens escolhidos e predispostos.

O militarismo e o imperialismo são frutos do vigente sistema de produção, e a revolução que pretenda suprimi-los tem de supprimir o regime burguês e os Estados.

O que não impede de registrar as promessas dos governantes e de combater, com todos os males do Capitalismo, o avanço do militarismo e do espirito militar.

NINO VASCO

O patriotismo dos patriotas

A imprensa inglesa refere numerosos exemplos de patriotismo burguês, alguns dos quais são enormes e clamorosos escândalos, daqueles que, por ocasião de todas as guerras, se verificam em todos os países. Se agora falamos dos que são divulgados na Inglaterra e não de outros, é porque somente sobre aqueles obtemos dados e noticias.

Assim, os exportadores de lã da Nova Zelândia investiram turiosamente as companhias nacionais de navegação, porque estas, aproveitando patrioticamente a falta da marinha alemã concorrente, patrioticamente impuzeram um aumento de 25% sobre os fretes! Isto, quando a «pátria» está empenhada numa tremenda guerra e afronta uma grande crise. As companhias marítimas vão-se providentemente acatutando para o que der e vier; e os industriais que hoje as accusam de falta de patriotismo são os mesmos que há um ano as ajudaram a vencer a greve geral dos portos, arranjando-lhes fura-greves e defendendo-as da accusação de voracidade.

Outro exemplo. Enquanto os soldados se batem nos campos de batalha, deixando-se matar e mutilar pela «pátria», os senhorios expulsam das suas casas (as casas da pátria...) as familias dos combatentes que não pagam a renda. Um soldado, que voltou inválido do teatro da guerra e encontrou a familia prestes a ser posta no olho da rua, solta entre outras estas queixas amargas: «Quando parti para combater pela minha pátria, foi para defender dos alemães não só a minha casa, mas também as outras. Deixei a mulher e os filhos, achando que o país precisava de mim, e á volta encontro para me recompensar uma ordem de despejo. Quem é o meu pior inimigo: os alemães, que ainda não chegaram cá, ou o senhorio, que pretende pôr me a mulher e os pequenos no meio da rua em pleno inverno? O que vos digo é que foram fuzilados espiões alemães por menos do que isto que este senhorio quer fazer aos meus—este senhorio cujo patriotismo se perdeu em cupidez? Parece que este mutilado, um pouco tarde, começa a perceber que o inimigo que urge combater e vencer antes de mais nada é o que está perto, o que é senher das casas, terras e fábricas da pátria.

Provas estrondosas de acrisolado patriotismo, tem-nas dado igualmente, como sempre, os fornecedores do exército e da armada. Esses agrégios patriotas tem duas listas de preços: uma para os particulares, outra, mais puxada, para o Estado. Os jornais occupam-se de escândalos, como o do calçado e o das barracas de campanha. No calçado de couro podre no khaki de «papel pardo», em aumentos de cento por cento, co-